

VILA NOVA DE SÃO PEDRO E O CALCOLÍTICO NO OCIDENTE PENINSULAR 1

Mariana Diniz · Andrea Martins · César Neves · José M. Arnaud

VILA NOVA DE SÃO PEDRO E O CALCOLÍTICO NO OCIDENTE PENINSULAR 1

Mariana Diniz · Andrea Martins · César Neves · José M. Arnaud

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Direcção: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves (1985)

22.

DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. (Eds.) (2024) – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular 1. estudos & memórias*, 22. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 408 p.

Capa: Povoado de Vila Nova de São Pedro. Foto: Projecto VNSP3000

Paginação e artes finais: Paulo Freitas
Impressão: Europress, Indústria Gráfica
500 exemplares

ISBN: 978-989-35113-1-2 / Depósito Legal: 529697/24
DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/63412>

Copyright textos e imagens ©, 2024, os autores.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi livre opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando a UNIARQ a sua autoria e não sendo responsável por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDB/00698/2020) e UIDP/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDP/00698/2020).

Lisboa, 2024.

ÍNDICE

5	INTRODUÇÃO
7	PREFÁCIOS
17	O SÍTIO CALCOLÍTICO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA), ANTES E DEPOIS DE 1971 Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves, Andrea Martins
41	O NORTE DE PORTUGAL NO 4º E NO 3º MILÉNIO AC: PROBLEMÁTICAS EM 2021 Susana Soares Lopes
95	O CALCOLÍTICO NO ALTO DOURO. DINÂMICAS E USOS DO TERRITÓRIO João Muralha Cardoso
109	HABITAR A ARQUITETURA. O CASO DO CASTANHEIRO DO VENTO NO CONTEXTO DOS RECINTOS MURADOS CALCOLÍTICOS Ana Vale
123	NEW REFLECTIONS ON ASPECTS OF SO-CALLED PREHISTORIC "ARCHITECTURES" Vítor Oliveira Jorge
133	FROM PEABAM TO NEOMEGA 2, 40 YEARS OF RESEARCH IN THE CENTRE AND NORTH OF PORTUGAL (1982-2021) João Carlos de Senna-Martinez, José Manuel Quintã Ventura, Elsa V. Luís
147	O HIPOGEU DO CONVENTO DO CARMO (TORRES NOVAS). ESTRUTURA POPULACIONAL E REDES DE CONTACTO DE UMA COMUNIDADE CAMPANIFORME DA ESTREMADURA PORTUGUESA António Faustino Carvalho
161	CAMINOS DE AGUA: EL RÍO TAJO ENTRE EL ATLÁNTICO Y EL EBRO DURANTE EL NEOLÍTICO FINAL Y EL CALCOLÍTICO Primitiva Bueno Ramírez, Rosa Barroso Bermejo, Rodrigo de Balbin Behrmann
185	NA MARGEM ESQUERDA DA LEZÍRIA DO TEJO, NO 3º MILÉNIO A.N.E. (E, JÁ AGORA, OLHANDO TAMBÉM PARA A MARGEM DIREITA) Victor S. Gonçalves, Ana Catarina Sousa
221	LECEIA, MOITA DA LADRA E OUTEIRO REDONDO: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE TRÊS SÍTIOS MURALHADOS DA ESTREMADURA PORTUGUESA João Luís Cardoso
241	REFLEXÕES SOBRE O INSTRUMENTAL TÊXTIL NA ESTREMADURA PORTUGUESA NO FINAL DO 4º E NO 3º MILÉNIO A.N.E. Catarina Costeira
265	ESCOURAL – O POVOADO CALCOLÍTICO E O SANTUÁRIO RUPESTRE TARDO-NEOLÍTICO. INFORMAÇÃO EMPÍRICA, PROBLEMÁTICAS E AS INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS Mário Varela Gomes

- 291 **DITCHED AND WALLED ENCLOSURES OF LATE PREHISTORY IN SOUTH PORTUGAL:
A BRIEF COMPARATIVE APPROACH**
António Carlos Valera
- 307 **O ALENTEJO ENTRE RECINTOS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O POVOAMENTO CALCOLÍTICO**
Leonor Rocha, Gertrudes Branco
- 319 **NUEVOS RECINTOS FORTIFICADOS Y CON FOSOS EN LA CUENCA MEDIA DEL GUADIANA
(ESPAÑA)**
Víctor Hurtado, Carlos Odriozola, Juan P. Asuar, Jesús Moreno
- 341 **THE CHALCOLITHIC "MEGA-SITE" OF VALENCINA DE LA CONCEPCIÓN (SEVILLE, SPAIN).
NEW INVESTIGATIONS IN THE NORTHERN SECTOR**
Thomas X. Schuhmacher, Alfredo Mederos Martín, Frank Falkenstein, Nils Ostermeier,
Charles Bashore Acero, Natalie El Dana
- 363 **LA EVOLUCIÓN DE LA CERÁMICA CAMPANIFORME EN EL YACIMIENTO DE LOS MILLARES
(SANTA FE DE MONDÚJAR, ALMERÍA)**
Juan Antonio Cámara Serrano, Alberto Dorado Alejos, Liliana Spanedda, Fernando Molina González
- 387 **NO CENTRO DO CENTRO DOS PERDIGÕES: O CONTEXTO DE DEPOSIÇÃO DE CABEÇA HUMANA
DA FOSSA 96 (2ª METADE DO 3º MILÉNIO A.C.)**
António Carlos Valera, Nelson Almeida, Lucy Shaw Evangelista, Anne-France Maurer, Cristina Barrocas
Dias, Rebecca MacRoberts, Sara Ribeiro, José Francisco Santos

PREFÁCIOS

Foi um motivo de orgulho para a Faculdade de Letras, e para mim a quem na altura acontecia ser seu director, poder ter acolhido em 2021 o Colóquio que assinalou cinquenta anos de investigação sobre Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico Peninsular. Mas foi um motivo de orgulho mais especial ainda, que a participação do congresso reforçou, ver na mesa da sessão que abriu o colóquio, escondidos por máscaras que permitirão no futuro datar com grande precisão a altura em que se desenrolou, pessoas ligadas a tantas e tão variadas instituições com interesses científicos e naturalmente arqueológicos. A variedade desses interesses e a possibilidade de poder congregiar instituições muito diferentes entre si é para mim um sinal daquilo que a natureza colaborativa do estudo e da investigação devem ser; mas, ainda mais, é a corroboração de uma coisa que a Faculdade de Letras e os seus arqueólogos fazem muito bem, e fazem bem há muito tempo: servir de ponto de articulação, de catalisador, e tantas vezes de animador e motor dos trabalhos sérios e das conversas acesas sem as quais não existe aquilo a que vulgarmente se chama ciência. Poder agora ler o que passou nesses dias será decerto uma oportunidade para novas pessoas descobrirem interesses, continuarem a fazer perguntas, e participar nestas tarefas que tanto nos orgulham.

Miguel Tamen

O Projecto VNSP (Vila Nova de São Pedro), visando o estudo e valorização de um dos sítios mais emblemáticos do III Milénio em Portugal, classificado como Monumento Nacional em 1971, envolve desde 2017 a Associação dos Arqueólogos Portugueses, que tem a seu cargo o espólio resultante das escavações de Afonso do Paço e a UNIARQ, Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Sucessivas campanhas de escavações, envolvendo a Associação e alunos, investigadores e docentes da FLUL, permitiram reinterpretar o sítio à luz dos problemas da arqueologia contemporânea, colocando-o em rede com outros coevos, como os Perdigões, daí resultando uma conexão, *Diálogos no III Milénio*, à qual se augura um futuro auspicioso; possibilitaram, ainda, um relançamento do Monumento junto das comunidades, já traduzido, para além de inúmeras acções a acompanhar as campanhas anuais, na criação de uma sala especial no recém inaugurado (2022) Museu Municipal da Azambuja Sebastião Arenque.

As Actas do *Encontro Vila Nova de São Pedro 1971-2021* que decorreu na Faculdade de Letras e no Museu Arqueológico do Carmo, entre os dias 22-24 de Novembro de 2021, constituem a primeira visão sistemática do que se fez durante os primeiros anos deste Projecto, difundindo resultados destas campanhas ao mesmo tempo que as religam às intervenções passadas e as contextualizam nos sítios contemporâneos. É por isso com orgulho justificado que a Área de História da FLUL de que a UNIARQ é uma das unidades e peça fundamental, se associa ao evento e à sua publicação, certa como está de que se aponta aqui um caminho a seguir do ponto de vista científico e institucional, pelo modo de olhar o estudo monográfico de um sítio como a abertura para examinar o quadro global, pela omnipresença da abordagem interdisciplinar que marca a Arqueologia contemporânea e, por último, mas não em último lugar, pelo modelo de relação entre uma unidade de investigação e a sociedade civil autonomizada de financiamentos do Estado e das suas agências, nacional e europeias, aqui representada pela Associação dos Arqueólogos Portugueses e pelo Museu Arqueológico do Carmo.

Na qualidade de Director da Área de História tenho firme confiança no futuro deste Projecto e da Parceria que o fundou.

Hermenegildo Fernandes

Director da Área de História

Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa



Antes de mais, cumpre-me agradecer, em nome da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses, à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a sua hospitalidade. Agradeço também a todas as entidades que contribuíram de algum modo para a realização desta reunião científica, e que prontamente corresponderam ao convite que lhes foi feito para comemorarem connosco uma efeméride que se reveste de particular significado para a nossa Associação e para a própria história da Arqueologia em Portugal.

Com efeito, o Castro de Vila Nova de São Pedro é um dos sítios mais notáveis da Pré-História recente existentes no actual território português e mesmo na Península Ibérica, constituindo há já quase um século uma referência obrigatória em qualquer trabalho de síntese sobre a Pré-história europeia.

Tal deve-se, em grande parte, ao excelente estado de conservação em que se encontrava, por o local não ter sido reocupado depois da Idade do Bronze, a ter sido um dos primeiros sítios desta época objecto de escavações sistemáticas, e ao facto de os primeiros arqueólogos que o estudaram terem tido, desde o início, plena consciência da sua importância e estado de conservação e terem partilhado de imediato os resultados dos seus trabalhos com os seus colegas de toda a Europa, apresentando-os nos principais congressos europeus realizados no século 20, e publicando-os nas principais revistas da especialidade.

Hoje, a internet permite a divulgação imediata dos trabalhos científicos, mas em meados do século 20, essa divulgação era muito mais morosa e dispendiosa, pelo que Eugénio Jalhay e sobretudo Afonso do Paço, recorriam às famosas “separatas”, oferecidas pelas revistas e congressos aos autores, de que encomendavam sempre uma quantidade razoável. Estas separatas eram enviadas por correio aos principais arqueólogos europeus, garantindo assim o conhecimento dos trabalhos realizados e a sua citação nas principais sínteses sobre a Pré-História europeia, publicadas por autores famosos, como Gordon Childe, Graham Clark, Bosch-Gimpera, e tantos outros, nos anos 40 e 50.

A divulgação sistemática, embora demasiado sucinta, no que respeita aos dados contextuais e às estruturas habitacionais, das escavações que iam realizando, ano após ano, não só nas principais revistas nacionais, com especial destaque para a *Brotéria*, mas também nos *Anais da Academia Portuguesa da História*, na *Arqueologia e História*, na *Revista de Guimarães*, e até na *Conimbriga*, mas também através da participação nos Congressos Luso-Espanhóis da Associação para o Progresso das Ciências, e nos Congressos Nacionales de Arqueologia, e ainda em prestigiadas revistas internacionais como a *Ampurias* ou a *Germania*, também contribuíram bastante para a divulgação deste importante sítio arqueológico.

Dessa divulgação resultou também a vinda a Portugal de vários arqueólogos estrangeiros, como foi o caso do próprio Gordon Childe, um dos mais notáveis pré-historiadores de então, que se deslocou a Portugal em 1949, tendo visitado VNSP, a que passou a dar destaque nas sucessivas edições da sua obra *The Dawn of European Civilization*. Mais tarde, no final dos anos 50, verificou-se um novo surto de interesse por este sítio arqueológico por parte de arqueólogos de vários países europeus, alguns dos quais viriam a dar importantes contribuições para o melhor conhecimento de VNSP, como foi o caso de Prof. Edward Sangmeister, da Universidade de Freiburg, em 1956, de Beatrice Blance, da Universidade de Edimburgo, em 1957, ou de H.N. Savory, do País de Gales, em 1959, e até do Prof. Martin Almagro, da Universidade de Madrid, que chegou a propor-se co-dirigir os trabalhos com Afonso do Paço.

Após a morte de Afonso do Paço, que ocorreu em 1968, os arqueólogos H. Schubart e E. Sangmeister, do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, que haviam iniciado com grande sucesso escavações no Castro do Zambujal em 1964, propôs-se realizar uma intervenção em moldes idênticos, em 1973 ou 1974, em colaboração com Octávio da Veiga Ferreira. Esta, porém, nunca chegou a ser realizada, decerto pela profunda alteração do regime político ocorrida em 25 de Abril de 1974. Todo este interesse internacional na continuação das escavações reflecte bem o extraordinário potencial que este sítio, mesmo após 30 anos de escavações, ainda oferecia.

Ontem, como hoje, os congressos e colóquios internacionais, por mais específicas que sejam as suas temáticas, continuam a constituir um importante meio de divulgação e debate de

ideias, pelo que saúdo a iniciativa da Prof.^a Mariana Diniz, da Doutora Andrea Martins e do Doutor César Neves de realização deste encontro de estudiosos do Calcolítico peninsular, bem como todos os investigadores que corresponderam ao convite que lhes foi feito para participarem, presencial ou remotamente, desejando o maior sucesso para o mesmo.

Queria também agradecer a todas as pessoas e instituições que têm contribuído, ao longo da última década, para que Vila Nova de São Pedro não caia no esquecimento, muito especialmente a José Avelino Colaço Correia, Presidente da União de Freguesias de Manique, Vila Nova e Maçussa, e ao dr. Nuno Nobre, historiador e técnico superior da C.M. da Azambuja que ao longo dos anos tem levado centenas de alunos das escolas do concelho a visitar o Castro, sensibilizando-os assim para importância do património arqueológico em geral, e deste sítio em particular.

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Foi com muito prazer que em 2021 estive presente na mesa inaugural do Encontro **Vila Nova de São Pedro 1971-2021**, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano em que comemorámos o cinquentenário da classificação do Povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro como Monumento Nacional, também conhecido como Castro.

Desde 2017, com o *projeto VNSP 3000 – de novo no terceiro milénio*, e em estreita colaboração com a UNIARQ (Universidade de Lisboa), a AAP (Associação dos Arqueólogos Portugueses), o Município de Azambuja e a União de Freguesias de Manique do Intendente, Vila Nova de São Pedro e Maçussa, que se deu uma nova lufada de ar fresco no que concerne à proteção, estudo e valorização deste sítio arqueológico, de importância ímpar para a compreensão destas sociedades agrometalúrgicas.

Nesse sentido, cabe-me aqui agradecer à equipa do projeto (Doutor José Morais Arnaud, Doutora Mariana Diniz, Doutora Andrea Martins e Doutor César Neves) e outras instituições e colaboradores que tem contribuído, ao longo dos últimos anos, para uma revisão científica e sistemática sobre o povoado pré-histórico de Vila Nova de São Pedro, à luz de novas tecnologias e metodologias. Agradeço também ao presidente José Avelino Correia e à Junta da União de Freguesias de Manique do Intendente, Maçussa e Vila Nova de São Pedro, por todo o apoio prestado no âmbito deste projeto que, esperamos, se prolongue por vários anos, de modo que possamos conferir a este monumento a dignidade que merece.

É um privilégio ter no Município de Azambuja um monumento, com classificação nacional e reconhecimento a nível internacional. As campanhas de escavação e consequente preservação dos artefactos encontrados testemunham a habilidade humana e a riqueza cultural do local. É um orgulho termos no nosso Concelho este sítio arqueológico que tanto contribuí para o conhecimento da humanidade e do modo como viviam há cerca de 5 mil anos.

Silvino Lúcio

Presidente do Município de Azambuja



Castro ou Castelo de Vila Nova de São Pedro, são 50 anos de classificação como monumento Nacional que muito nos orgulha.

Ao tomar posse em outubro de 2013 como Presidente da União das freguesias de Manique do Intendente, Vila Nova de São Pedro e Maçussa, este local estava ao abandono de tal modo que os mais distraídos passavam sem se aperceberem da existência do Monumento.

Hoje não tendo aquilo que todos pretenderíamos ter, melhoramos muito o espaço, tornando-o um espaço agradável, limpo, aberto à investigação que dignifica um Monumento Nacional.

Não posso deixar de dar um agradecimento especial à equipa da AAP “equipa maravilha” professores José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins e César Neves. Que desde o primeiro telefonema o lema desta equipa foi sempre avançar com dedicação, disponibilidade e muito trabalho, além disso conseguiram uma relação de amizade com a toda a população que muito tem contribuído para a preservação do espaço, de tal modo que hoje são considerados como sendo um bocadinho nossos fregueses.

Ao Município de Azambuja um agradecimento por toda a disponibilidade tanto material como dos seus técnicos.

Esperamos que todas estas equipas juntas no futuro consigam dar ao CASTRO de Vila Nova de São Pedro a dignidade que ele merece.

José Correia

O Castelo de Vila Nova de S. Pedro na arqueologia portuguesa e europeia e no dealbar de um novo III Milénio

O povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja, identificado pelo topónimo “alto do castelo”, mas rebaptizado “castro”, pela tradição portuguesa de adoptar esta denominação para todo o povoado com fortificações, constitui uma referência incontornável na arqueologia portuguesa do século XX. Uma referência por se tratar de um sítio de habitat, a “póvoa eneolítica” de Paço e Jalhay, escavado em continuidade durante trinta anos, numa época em que a arqueologia portuguesa não conhecia intervenções similares e com esta continuidade nestas paragens meridionais – estou, naturalmente, a excluir os trabalhos de Martins Sarmento no vale do Ave e outras iniciativas análogas no Norte de Portugal, bem como os trabalhos de Santos Rocha em Santa Olaia e Tavadre, perto da foz do Mondego –, nem tão pouco se ocupava regularmente de espaços habitacionais.

O Castelo de Vila Nova de S. Pedro tinha sido identificado por Hipólito Cabaço, em 1936. Este erudito realizou ali os primeiros trabalhos, no dizer de Paço e Jalhay, com “*resultados muito animadores, que custaram alguns milhares de escudos à sua bolsa particular*” (Paço, [1939] 1970: 233) – para não multiplicar as referências bibliográficas, remeto para o volume de *Trabalhos Arqueológicos de Afonso do Paço*, compilado por Veiga Ferreira para a Associação dos Arqueólogos Portugueses. Este é, obviamente, o primeiro ponto que marca e justifica a entrada em cena dos novos agentes: os trabalhos de monta e em continuidade neste sítio arqueológico eram incomportáveis para o voluntarismo de Cabaço e, provavelmente também, para a sua disponibilidade.

Estes serão, a meu ver, os dois factores fundamentais que explicam os trinta anos de sucessivas campanhas de escavação em Vila Nova de S. Pedro: um robusto apoio institucional e uma real disponibilidade de tempo de que Paço e Jalhay dispunham, devido aos seus enquadramentos institucionais / profissionais: carreira militar e sacerdócio. Num tempo em que não havia profissionais na actividade arqueológica, nem quadros nas administrações central e local que a elas estivessem dedicados, todo o trabalho de campo era realizado por um segmento da

sociedade com empregos estáveis, relativamente bem remunerados e sem horários estritos ou por quem dispusesse de meios próprios para empreender tais acções.

Tempo, pois, mas também sólido apoio institucional. Para os anos de trabalho em continuidade em Vila Nova de S. Pedro, os dois eruditos contaram com um apoio institucional constante, que passou pelo Instituto para a Alta Cultura, sob o alto patrocínio de Mendes Corrêa, depois também, pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e ainda pelo Comissariado do Desemprego, que disponibilizou as verbas para a contratação do pessoal mobilizado nas diferentes campanhas de escavação (Ribeiro; Cardoso, 2013: 44-6), algo que terá tido seguramente um fortíssimo (e virtuoso) impacte na população local, contratada sazonalmente para as escavações. Os meios financeiros mobilizados para os trabalhos arqueológicos foram, de facto, muito avultados, apesar da habitual (tradicional) ladainha sobre as dificuldades e falta de meios, produzida *a posteriori* (Ferreira, 1970: 12-13; Cardoso; Ribeiro, 2013: 766), que contrasta fortemente com os encomiásticos agradecimentos de Paço e Jalhay: *“Para o Instituto para a Alta Cultura e, muito particularmente, para S. Ex^a o Senhor Ministro da Educação Nacional, vão os nossos melhores agradecimentos pelos subsídios até hoje postos generosamente à nossa disposição”* (Paço, [1939] 1970: 273-4), assim o escreveram, na sequência das primeiras campanhas de escavação. Para as campanhas seguintes, os apoios foram reforçados: *“três novas campanhas (...), sendo as duas primeiras subsidiadas pelo Instituto para a Alta Cultura”* (Paço, [1939] 1970: 234), e a de 1941 pela mesma entidade e pela Direcção dos Monumentos Nacionais (Paço [1942], 1970: 275); agradecimentos reiterados, agora também extensíveis ao Ministro das Obras-Públicas e Comunicações, que tutelava a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Paço [1942], 1970: 302-4). Lamentam os autores que os subsídios mais avultados, que permitissem a utilização de vagonetes ainda não se tivessem obtido (Paço [1943], 1970: 311), mas sabemos também que não seria propriamente assim, visto serem já visíveis as ditas nas fotografias de 1940 (Ribeiro; Cardoso, 2013: 43).

Tempo disponível e meios financeiros possibilitaram os trinta anos de escavações em Vila Nova de S. Pedro, desde 1937 a 1967.

Na nota publicada sobre as duas primeiras campanhas (1937, 1938) ficamos a conhecer a estratégia de intervenção e suas limitações: na “póvoa eneolítica”, ainda recorrentemente designada pelo seu topónimo “castelo”, identificou-se “forte muralha”, “fundos de cabana” (Paço, [1939] 1970: 234) e um vasto e diversificado conjunto de materiais arqueológicos, apresentados de forma sistemática, por categorias, mas sem qualquer referência a contextos de recolha. Lamentam Afonso do Paço e Eugénio Jalhay que *“não houve maneira de distinguir (...) estratos bem definidos”* (Paço, [1939] 1970: 266), à semelhança do que sucedera na intervenção de Vergílio Correia, no Castelo de Pavia, duas décadas antes. Também este arqueólogo se queixou de ter sido impossível *“(...) hacer un estudio por capas: los arados en la parte superior y el fuego en el hondo [os “fundos de cabana”], hicieron inútil cualquier tentativa de estratigrafia”* (Correia, 1921: 13). Aquela *“aldea neolítica cuyo estado de civilización acusaba ya influencias del periodo del cobre”* (Idem: 12) do Alentejo constituía o melhor paralelo para Vila Nova de S. Pedro e as dificuldades de Vergílio Correia em identificar estratigrafias tranquilizavam de algum modo os autores: *“Notemos desde já que, à semelhança do que sucedeu no “castelo” de Pavia, não houve maneira de distinguir no de Vila Nova de S. Pedro estratos bem definidos”* (Paço, [1939] 1970: 266).

Ao longo destas primeiras publicações, o discurso sobre a dificuldade em identificar estratigrafia vai fazendo um percurso como seu quê de insólito. Sempre falando da ausência de uma estratigrafia, na campanha de 1940, identificaram *“restos prováveis de edificações, mas diferentes dos fundos de cabana (...) Uma destas casas, chamemos-lhe assim, tem 5 m de comprimento por 2,5 m de largura; e a que se segue 4,5 m por 2,5 m”* (Paço [1942], 1970: 279); na campanha de 1941, *“os fundos de cabana multiplicam-se, havendo-os mesmo sobrepostos uns aos outros”* (Paço [1942] 1970: 280). Contudo, estas observações em nada alteram a apreciação geral do “castelo”, ainda que parece começar a esboçar-se a ideia de, pelo menos, duas Vilas Novas de S. Pedro: *“embora não estejamos diante de uma estratigrafia rigorosa, verificamos muito frequentemente, sobretudo nas escavações de 1941, que os objectos de cobre e a cerâmica decorada se encontravam quase sempre nas primeiras camadas, predominando nas últimas os machados de pedra polida e a cerâmica grosseira sem ornatos”* (Paço [1942], 1970: 281). Estes comentários, que



poderemos atribuir a uma crescente acuidade na observação, decorrente também de um acréscimo de experiência ao lidar com o sítio, não alteraram a estrutura das publicações e a ausência de referências contextuais.

Nos relatórios de Paço e Jalhay resulta evidente que se privilegiava a recolha de artefactos, sem atender aos contextos de deposição. Bem expressivas são algumas das fotografias publicadas e o conhecimento concreto das circunstâncias da escavação: trabalhadores braçais escavavam extensas e largas trincheiras e mulheres crivavam as terras, tendo a seu lado as caixas, com separadores, onde se depositavam os materiais recolhidos, segundo as suas categorias. Os trabalhos publicados seguem essa mesma norma, apresentando “indústria lítica”, “indústria de cerâmica”, “indústria óssea”, “indústria metálica”, “adornos” (Paço, [1939] 1970).

Não adianta insistir em tudo o que de menos bom houve nestes primeiros trabalhos, à luz dos princípios já vigentes na época, nem de como as intervenções de Savory ou Sangmesiter trouxeram novas ideias e novas propostas de abordagem a Vila Nova de S. Pedro, temas já bastante desenvolvidos por outros autores (Arnaud, 2005; Cardoso; Ribeiro, 2013). Gostaria, contudo, de sublinhar dois aspectos notáveis das fases iniciais destes trabalhos: a abertura ao que chamaríamos hoje interdisciplinaridade e seus resultados. Paço e Jalhay recorreram a um Professor do Instituto Superior Técnico, Engenheiro Amílcar de Jesus, para analisar a composição de dois artefactos metálicos, com o intuito de determinar se eram de facto bronzes, bem como de amostras de minério. Os resultados foram categóricos, permitindo, pela ausência de estanho, determinar que se tratava de objectos de cobre (Paço, [1939] 1970: 259, 261). O tema era obviamente pertinente, atendendo à relutância ainda existente em admitir uma etapa metalúrgica na história humana onde somente o cobre fora trabalhado – a bibliografia espanhola da época e mesmo de décadas posteriores insistia em designar como “Bronze 1” o que hoje se denomina Calcolítico. Ainda na sequência destas primeiras campanhas, seria convocado o Engenheiro Pinto da Silva, do Instituto Superior de Agronomia, para identificar as sementes encontradas “*todos os anos grande quantidade*” (Paço [1942], 1970: 297; (Paço [1943], 1970: 322). Das faunas recolhidas ocupou-se Henry Breuil (Paço [1942], 1970: 297; [1943], 1970: 323), que nessa altura se encontrava em Portugal.

As evidentes limitações reveladas no campo por Jalhay e Paço contrastam muito vivamente com estas dimensões de vigorosa modernidade, que sobressaíram no contexto da arqueologia então praticada entre nós e, diga-se, não conheceram exemplos similares entre os seus pares de então. Mas mostram também os modos como se concebia a actividade arqueológica: a escavação servia para obter artefactos e “ecofactos”; o que se considerava o estudo, seguia depois, em gabinete. Por isso no campo estão os trabalhadores indiferenciados e nos trabalhos especializados posteriores os especialistas.

Em conformidade com o paradigma então dominante na Arqueologia europeia, começam também a surgir as primeiras referências à origem oriental das populações do “castelo”, alegadamente comprovada pelas características de alguns artefactos (Paço [1942], 1970: 299-300), ideias posteriormente reforçadas pelo reconhecimento das fortificações com bastiões e dos “célebres” copos canelados, tidos como cerâmica de “importação”, apesar de evidentemente fabricados com matéria-prima local (Blance, 1957; 1959; Renfrew, [1965], 1979: 51-6).

Das publicações dos primeiros trabalhos em Vila Nova de S. Pedro, Jalhay e Paço receberam apoio para a impressão de numerosas separatas, que disseminaram amplamente além-fronteiras, colocando o “castelo” no mapa da Pré-História europeia. Na obra de Gordon Childe, *The dawn of European civilization*, de 1957, ali está discutida a questão das diferentes fases de povoamento português (Childe, [1957] 1969: 465-470), que Childe conhecia pessoalmente (Childe, 1950: 6-8) – note-se que só dois anos depois da publicação do *the dawn* Hubert Newman Savory realizou o corte estratigráfico em Vila Nova de S. Pedro, somente publicado muitos anos depois (Savory, 1970). Childe escrevia com a informação então disponível.

Para não alongar excessivamente estas breves notas, direi somente que, devido a essa ampla difusão dos resultados das escavações em Vila Nova de S. Pedro, o sítio se constitui em referência habitual nas sínteses sobre a Pré-História, tanto europeia, sirvam de exemplo as obras de Stuart Piggot ([1965] 1981) ou de Patricia Philips (1980), como mediterrânea (Trump, 1980) ou peninsular (Arribas, 1974). Vila Nova de S. Pedro não voltara a ser investigado, mas a informação

publicada cristalizara na bibliografia internacional, fosse como exemplo conhecido de uma “colónia” de inspiração oriental (Sangmeister; Schubart, 1970), fosse convocado para exemplificar a falsa ideia de uma tal colonização, veja-se a colectânea de artigos da década de 60 de Colin Renfrew (1979: 43-56; 262-276). A tentativa de sistematizar e valorizar a informação de Vila Nova de S. Pedro por Savory – VNSP I, II e III – ([1968], 1974) baseada na sua experiência directa de realização do corte estratigráfico no sítio arqueológico e da análise dos seus dados, enfrentava a limitação de não haver datas de radiocarbono para o local, numa época em que estas constituíam elemento central do debate “localismo *versus* orientalismo”, como se pode apreciar nos mencionados artigos de Renfrew.

Vila Nova de S. Pedro, embora sempre convocado nas obras de síntese, não conheceu novas intervenções até à década de 80 do século XX, quando surgem três iniciativas, não articuladas entre si, respectivamente de Veiga Ferreira e Nuno Oliveira (1990), Morais Arnaud e João Ludgero (1990; 1995) e Victor Gonçalves (1987). A crónica incapacidade de consertar esforços que constituiu persistente pecha da arqueologia nacional tornou efémeras estas acções, pelo que o sítio chegou aos inícios do nosso III milénio em deplorável estado de abandono (Ribeiro; Cardoso, 2013: 46; Cardoso; Ribeiro, 2013: 768).

A nova dinâmica que agora se inicia poderá ser, desejavelmente, o “renascer” de Vila Nova de S. Pedro, para um novo Terceiro Milénio mais auspicioso, para que possa continuar presença habitual nos estudos pré-históricos, mas com o devido enquadramento e valorização que as novas dinâmicas e problemáticas da investigação impõem.

Carlos Fabião

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq)
cfabiao@edu.ulisboa.pt

ARNAUD, J. M. (2005) – Vila Nova de S. Pedro revisitada. In: Arnaud, J. M.; Fernandes, C. V. (eds) *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 141-164.

ARNAUD, J. M.; GONCALVES, J. L. (1990) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S., Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 1ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 1, pp. 25-48.

ARNAUD, J. M.; GONCALVES, J. L. (1995) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S., Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 2ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 2, pp. 11-40.

ARRIBAS, A. (1974) – *Lecciones de Prehistoria*. 3ª ed., Barcelona: Editorial Teide.

BLANCE, B. (1957) – Sobre o uso de torreões nas muralhas de recintos fortificados do 3º milénio a. C., *Revista de Guimarães*, 67, pp. 169-177.

BLANCE, B. (1959) – Cerâmica estriada. *Revista de Guimarães*, 69 (3-4), pp. 459-464.

CARDOSO, J. L.; RIBEIRO, M. (2013) – Afonso do Paço e as escavações de Vila Nova de S. Pedro (1937-1967): os contributos científicos possíveis e sua projecção internacional, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, pp. 755-770.

CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo – Portugal)*, Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.

CHILDE, V. G. (1950) – Algumas analogias das cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas. *Revista de Guimarães*, 60 (1-2), pp. 5-16.

CHILDE, V. G. [1957] (1969) – *A aurora da civilização europeia*. Lisboa: Portugal Editora (tradução de J. Morais Arnaud).

FERREIRA, O. V. (1970) – Tenente-Coronel Afonso do Paço arqueólogo e etnógrafo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*, volume II, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 8-35.

FERREIRA, O. V.; OLIVEIRA, H. N. (1990) – Algumas obras de restauro e consolidação do castro de Vila Nova de S. Pedro. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 1, pp. 49-58.

GONÇALVES, V. S. (1987) – Castelo de Vila Nova de S. Pedro 1985/1986, *Informação Arqueológica*, 8, pp. 41-43.

PAÇO, A. [1939-1943] (1971) – *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço 1929-1968*. Volume I, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

PAÇO, A.; SANGMEISTER, E. (1961) – Castro de Vila Nova de S. Pedro VIII – campanha de escavações de 1955 (19.ª), *Arqueologia e História*, 8ª série, VII, pp. 95-114.



PIGGOTT, S. [1965] (1981) – *A Europa Antiga. Do Início da Agricultura à Antiguidade Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (tradução de Maria Reveriana Mantas).

PHILIPS, P. (1981) – *The Prehistory of Europe*. Harmondsworth: Pelican Books.

RENFREW, C. (1979) – *Problems in European Prehistory. A collection of 18 papers, each with a new introduction and bibliography, and an original introductory essay*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

RIBEIRO, M.; CARDOSO, J. L. (2013) – Três décadas de escavações em Vila Nova de S. Pedro (1937-1967). In: Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (eds) *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 39-47.

SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H. (1970) – Zambujal. Uma fortificação da Idade do Cobre em Portugal, *Revista de Guimarães*, 80 (3-4) Jul.-Dez., pp. 391-400.

SAVORY, H. N. [1968] (1974) – *Espanha e Portugal*. Lisboa: Verbo (tradução de José Morais Arnaud).

SAVORY, H. N. (1970) – A section through the innermost rampart at the Chalcolithic Castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959), *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*, volume I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-162.

TRUMP, D. H. (1980) – *The Prehistory of the Mediterranean*. Harmondsworth: Pelican Books.

